

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Christ

SEMANARIO REPUBLICANO

<p>Numero 167</p>	<p>Assignaturas AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p>	<p>Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	<p>4.º Anno</p>
-------------------	--	---------------------------------------	---	------------------------

Cartas d'Algures

17 DE OUTUBRO.

Estava eu, quando interrompi estas cartas, a expandir a minha indignação contra o outro que, dizendo-se republicano, sabia a campo a desdenhar dos que trabalhavam pela elevação intellectual do paiz, perguntando, com ares de litterato e de sábio se valeria a pena instruir o povo.

Mas a interrupção foi tão longa que muito receio que os leitores se aborrecam com a continuação do assumpto. Leitores para coisas sérias ha poucos. Isto sem intuitos de offender ninguém. Pega a gente n'um jornal estrangeiro, inglez, allemão e mesmo francez, e depara com longos artigos sobre assumptos da mais alta importancia. Em Portugal não succede isso. Em Portugal quem dá a bitola do gosto publico é o *Seculo*. Com a historia d'uma facada, ou de uma bisbilhotice com variadas peripecias, pôde-se encher á vontade a pagina inteira d'um grande jornal, que todo o mundo lê. Mas esse mesmo mundo, capaz de engulir paginas de porcarias, não resiste a duas columnas de assumptos elevados.

Este é o facto. Quando muito, os mais janotas, os que tem a vaidade de constituir a *élita* intellectual, suporam as duas columnas de *prosa leve*, que é o mesmo que dizer de *gragas e larachas*. Se fór prosa que os obrigue a pensar ou a estudar, é *prosa pesada* e que a leve o diabo que elles não estão para massadas.

No fim de contas tem razão. Quem tem razão são elles. A verdade acima de tudo. Para ler coisas sérias é necessario saber o sufficiente para as comprehender, por conseguinte para as estimar. Uma coisa boa só é estimada por quem a comprehende. Quem não comprehende não *avalua*, e não *avalua*, não estima. E' isto que nos demonstra a experiencia da vida e a experiencia quotidiana.

O homem, que tem educação, sente de uma maneira muito differente d'aquelle que a não tem. O que tem cultura e educação, tomada a educação no sentido restricto da palavra, já sente de maneira differente d'aquelle que só tem educação. Na propria educação ha differenças, que levam o individuo A a não vêr da mesma maneira que o individuo B.

Lá fóra, como o nivel intellectual é mais alto, como a cultura é mais intensa e mais extensa, os individuos, aggregando-se pelos temperamentos e pelas educações, formam publico para tudo. Entre nós, a grande maioria inculta, formando uma quasi unanimidade, só se encontra na incultura. E' por isso, torno a diz-lo, que os assumptos graves, sérios, profundos, os que interessam, intimamente, á vida d'um povo, não tem publico entre nós. E' por isso que o primeiro serviço, a fazer n'este paiz, é elevar o nivel intellectual e alargar a cultura. E' por isso que eu não me lembro do outro a perguntar se valeria a pena instruir o povo, que não sintia subir, e augmentar, a minha indignação contra elle.

E augmentar, é verdade. Está-me a parecer que o tenho tratado muito melhor do que elle merecia. Porque, realmente, um democrata, um republicano, e um democrata e republicano *sábio*, á desdenhar da instrução, a perguntar se valeria a pena instruir o povo, é d'um homem lhe responder com um pau e não com uma penna.

Esta é que é a grande verdade. E cada vez urge mais dizer as verdades sem rodeios.

Veem-nos com a historia da raça, que é, no fim de contas, uma verdadeira historia. Ninguém sabe já, ao certo, como demonstrámos, nas cartas anteriores, com auctorisadissimos depoimentos scientificos, a que raça pertence na Europa. Sômos semitas, porque estivemos sob o dominio dos phenicios, dos cartigenezes e dos arabes? E não estivemos sob o dominio dos iberos e dos celtas, dos gregos, dos romanos, dos vandalos, dos suevos, dos alanos, dos godos e do diabo a quatro?

Só se o sangue dos semitas se não misturou com o dos outros e ficou ao de cima, como o azeite n'agua! Se o sangue dos semitas não era azeitado, entrando elle, na mistura, pela sexta ou setima parte, não sabemos como ficasse nadando e dominando.

Mas, se ficou nadando e dominando, foi só no sul, dizem os *sábios*. No norte, nadou e dominou o sangue aryano. Então, se matade do paiz tem sangue aryano, para que havemos de deitar as mãos ás orelhas, como o macaco, e ir para o fundo a gritar que nos afundamos, porque sômos semitas?

Depois, os proprios semitas, os legitimos, os puros, divergem conforme a educação e os meios, como vimos em Tarde, Fouillée, Topinard, Laveleye e outros homens illustres. São commerciantes n'uma parte e lavradores em outras; pacificos aqui e guerreiros acolá; avarentos n'um ponto e prodigos em outros; estacionarios alli e progressivos além. Tal e qual como os latinos. Tal e qual como os germanicos. Tudo isso nós vimos, recorrendo á auctoridade de notaveis philosophos e homens de sciencia. D'onde se deduz que tudo provém da instrução e da educação.

N'essas questões de raça, o mais que nós admittimos é que a raça europeia seja superior ás outras, não obstante a raça semitica ser susceptivel de se elevar muitissimo, e a raça mongolica tambem, como o Japão o está provando. Mas seja. Admittamos que só a raça europeia seja susceptivel do maior grau de progresso e civilização. Admittido isso, não ha duvida nenhuma que o inglez não é o francez, e que o portuguez não é o germanico. Mas o que é certo, o que tambem não offerece duvidas nenhuma, é que todos são europeus e que as qualidades que faltam a uns são compensadas pelas qualidades que faltam a outros.

Para vêr que é difficilimo destrincar raças na misturada de povos que tem havido em todas as nações europeias, não é preciso ser sábio. Basta ter um bocadinho de cultura e juizo. E' como os fidalgos, a disputarem sangue azul de seculos passados, como se alguém acreditasse que, em centos d'annos, não se tivesse misturado muito sangue vermelhinho com o tal senhor sangue da arvore genealogica. Ora bolas. Não sei que maior figura de tolo se possa fazer que tomar, ou fingir que se tomam, essas coisas a sério. Perguntae ás cocottes de Paris quanto sangue de reis e de principes, de todos os pontos e raças do mundo, ellas chuparam no seculo dezenove e estão chupando no seculo vinte. E perguntae aos mais plebeus dos clowns, gymnastas, actores, cantores, sportman e aventureiros de toda a ordem, sem falar na pacatez dos mordomos e cocheiros, quanto sangue vermelhaço, rubro, elles tem transvasado em sangue azul. E vão depois lá saber onde está o sangue vermelho e onde está o sangue azul. Nem vermelho, nem azul. Eu não sei o que dá vermelho com azul. N'isso-de resultantes de misturas de tintas confesso que não sou forte.

Mas a mistela do azul com o vermelho não vem a ser nem só azul, nem vermelho *se Izra* com toda a certeza.

Tal a historia das raças. Quem sabe lá, cá nas Europas, onde está o aryano e onde está o semita, se o caso, agora, mais difficil que o de nobres e plebeus, já não é só de vermelho e azul, mas de vermelho, azul, amarello, pardo, preto e branco? Onde está agora o azul? Onde está o vermelho? Onde está o amarello?

Onde está o semita? Onde está o aryano?

Não está em parte nenhuma. Saliu de tudo uma mistela que ninguém sabe de que cor é.

Não sejamos ridiculos. Um homem a tomar a sério a disputa da descendencia do sangue azul de D. Ordonho ou de D. Urraca, ou as affirmações caturras de qualquer *lábio* sobre a pureza hereditaria do sangue aryano ou do sangue semita, faz, precisamente, o que se offama figura de tolo.

Mais queimados aqui os que tem mais sol, menos queimados acolá os que tem menos sol, estes mais vermelhos com o frio e aquelles menos vermelhos porque tem menos frio, com os habitos differentes que dá o mais ou o menos sol, e mais ou menos frio, mais vinho e laranja ou menos vinho e laranja, e o resto questão de educação, questão de instrução, questão de cultura, isso sim. Sim senhores. O resto é obra de quem não tem que fazer. Se não é sábio faz colheres. Se é sábio faz doutrinas e *opinões*.

Estamos decadentes porque tivemos os arabes em cima do lombo. E porque está decadente a Irlanda? E porque decahiu, até morrer, a Polonia? E outras?

E porque está tão decadente, como a parte do paiz onde dominaram os arabes, aquella onde elles pouco ou nada dominaram? Sim, com todas as differenças de temperamento amoroso, poetico, etc, que os sábios queiram vêr na parte *aryana* do paiz, isto é tudo, de norte a sul, a mesma portugalada indifferente, apathica, corrupta. A mesma! A mesmissima! Por mais differenças que os sábios queiram encontrar.

E é a mesma, porque só uma differença notavel ha entre os povos europeus: a da instrução, a da cultura, que importa logo a differença de progresso, de aperfeiçoamento material, intellectual e moral.

E ainda aqui podemos fazer juizos e estabelecer raciocinios por aquillo que vemos, sem irmos cegamente atraz d'aquillo que ouvimos. Um homem entrega um filho e uma filha ao matto, é entrega outro filho e outra filha á civilização. Aquelles ficam incultos, rudes, feios, estereis como o proprio matto. Estes são cultivados e educados nos melhores principios intellectuaes e moraes. Vêde-os e comparae-os ao fim de vinte annos. Até as linhas do rosto são mais distinctas, mais artisticas e mais puras, nos que foram instruidos, nos que foram educados. Mudou tudo.

Isto no fim de vinte annos. Continuae cuidadosamente a separação e vêde os effectos, de novo, nos filhos incultos dos que permaneceram incultos e nos filhos cultos dos que foram educados e instruidos tão cuidadosamente como o haviam sido seus paes.

Pois são as differenças, as mesmíssimas differenças, que existem entre os povos cultos e os povos incultos.

Mas, dir-nos-hão, porque não se guiou a França, por exemplo, a mesma corrente que seguiu a Inglaterra? N'essa divergencia de destinos não influiu já a differença de raça?

Não. Foi uma questão de mero acaso, d'esse acaso que exerce, muitas vezes, a maior influencia na vida dos individuos como na vida dos povos. Aquelle aproveitou uma melhor occasião do que eu. No entanto, nem é mais intelligente, nem mais habil, nem mais digno do que eu sou. Não aproveitou mesmo melhor occasião. A occasião offereceu-se-lhe a elle e não se me offereceu a mim. Teve mais sorte, como se diz. E d'esse mero acaso resultou, não só um melhor destino para elle e um peor destino para mim, como um melhor destino para os seus filhos e netos e um peor destino para os meus. Sem que, todavia, torno a diz-lo, as suas qualidades de intelligencia e de character, e os seus conhecimentos e cultura fossem superiores aos meus.

A França teve uma grande infelicidade, que foi o seu grande movimento da Reforma cahir nas mãos de Henrique IV. Se este homem, em vez de apostatar, entra em Paris com o seu exercito triumphante e impõe a Reforma, outros haveriam sido os destinos do povo francez. Apostatou por covardia, por curteza de vistas, por não ser um philosopho e homem d'estado, e não por necessidade e calculo, como tem dicto e dirão todos os que, estupidamente, veem fazendo e fazem a historia. A corrente protestante era enorme em França, abrangia a elite intellectual e moral da nação, estava vencedora nos campos de batalha. O seu poder, contudo, não era tamanho, que se aguentasse contra a apostasia do herdeiro da corôa. Mas se Henrique IV é um homem, na largueza do terreno, e não desce a uma apostasia revoltante, não ha duvida que a Reforma triumphava e vingava.

Vice-versa, a Inglaterra teve a felicidade de ter Henrique VIII como rei, o auctor da epistola contra Lutero, mas que, de repente, por espirito de orgulho, de dominação absoluta, de independencia natural, de necessidade d'emancipação para continuar na sua vida de successivos divorcios, se converte em feroz inimigo de Roma e acerrimo defensor da Reforma. Ao reinado ephemero de Maria succede o de Izabel. E Izabel, orgulhosa, despotica e desregrada como seu pae, não quer, tambem, nem tambem lhe convém, o jugo de Roma. E quando os Stuarts apparecem com o seu catholicismo, estava formada na Inglaterra uma opinião e feita uma Igreja bastante forte para lhes resistir.

Foi um mero incidente que produziu nos dois povos destinos tão differentes.

Fosse Henrique IV rei de Inglaterra e Henrique VIII rei de França, aquelle não mantendo a Reforma, este mantendo-a, e admittida mesmo a variante do character nacional, que essa existe sempre, seriam bem differentes como são, mas em sentido opposto, a França e a Inglaterra dos tempos actuaes.

Assim pensam alguns e eu penso com elles.

E digam os sábios aquillo que quiserem.

A. B.

Cambios

Está a 12 o cambio do Brazil sobre Londres.
Libra no Brazil: 20\$000 réis; em Portugal, 5\$672 réis. 100\$000 réis fortes, 352\$604 réis.

O NOVO HOSPITAL

Foi em 1880 que o medico militar francez, e illustre homem de sciencia, Laveran, descobriu o parasita do paludismo, ou impaludismo, o hematosoario conhecido pelo seu nome, apresentando os seus primeiros trabalhos á Academia de Medicina de Paris em 28 de fevereiro de 1882. Como sempre succede, em casos taes, a descoberta de Laveran foi vivamente contestada e o auctor vivamente combatido.

Ainda no congresso internacional de Buda-Pesth, em 1894, como se pôde vêr do relatorio do delegado portuguez, o medico João Lopes da Silva Martins Junior, lente da Escola Medica do Porto, Laveran, que fazia parte d'esse congresso, encontrou grande opposição. Contudo, quem estava na verdade era elle. Novas investigações vieram confirmar plenamente as suas doutrinas, que hoje não offerecem duvidas a ninguém.

Quem quizer profundar o assumpto, aliás interessantissimo, pôde lêr, além do artigo da *Nature*, já por nós citado, a conferencia realisada no hospital da Estrella, em 28 de novembro de 1900, sobre o thema *Parasitologia e prophylaxia do impaludismo*, pelo medico Manuel Rosado Fernandes Gião, e o curioso artigo publicado pelo sr. Adolpho Sarmiento, sob o titulo *Defeza contra o impaludismo nos climas quentes*, nos n.ºs 53 e 54 da *Revista Portuguesa colonial e maritima*. D'aqui resalta, d'uma maneira incontestavel, que o impaludismo, malária ou sezonismo é uma doença de todos os climas, embora tanto mais generalisada, intensa e perigosa quanto mais quentes elles fórem; que é uma doença parasitaria; e que o seu unico vehiculo, ao que dia a dia se demonstra, são os mosquitos, e só os mosquitos.

O *anopheles*, simplesmente? E' o que parece, como já dissémos. Mas não está ainda provado que só a esse genero e suas especies pertença o exclusivo da transmissão.

Seja como fór, Aveiro é uma terra de mosquitos, como ha poucas. Aveiro foi uma terra sezonatica, como poucas tem havido.

Seja como fór, os mosquitos são um tormento, ainda mesmo aquelles que não pertencem ao genero transmissor do impaludismo.

Ir construir um hospital no fôco d'essa hicharada, é a crueldade mais infame que se poderia imaginar.

Contra essa infamia havemos de clamar, com toda a força da nossa indignação.

Uma casa para doentes n'aquelle sitio, é uma das torturas de que se esqueceu a inquisição. O cheiro dos molicos, mettendo-se pelo nariz dos enfermos; o cheiro dos escassos, cem vezes peor, verdadeiramente horroroso, esse; o cheiro dos charcos lamacentos que resultam do lavadoiro da Senhora da Ajuda, que até esse cheirinho lá ha de chegar; a gritaria das lavadeiras, a inferna da chiada dos carros e, por cima, o horror dos mosquitos, que hão de invadir o hospital aos milhares.

Repetimos: é tortura que esqueceu á inquisição.

N'um quarto d'uma casa da rua de S. Martinho, prejudicada pela visinhança das Olarias por onde transitam os carros que transportam o molico da malhada da Fonte Nova, já muca creada do auctor d'estas linhas, caçando mosquitos, matou, n'uma noite, **setenta e seis**, que esperavam, pousados nas paredes e no tecto, a hora proxima do ragabote, do banquete. Sem contar os que escaparam, que foram muitos.

Quanto mais na Senhora da Ajuda!

Um horror. Os mosquitos, em Aveiro, em certos sitios, constituem um verdadeiro horror.

Supponhamos que não transmittem a febre palustre. Nem por isso deixam de ser um martyrio, a zumbir e a picar, sem falar nas consequências das picadas, que tem alguma importancia. De dia, cheiro nauseabundo de molicos e de escassos pódrés, chiadeira infernal de lavadeiras, de moliceiros e de carros. De noite, zumbidos e picadas de centenas de mosquitos. Tal é a sorte reservada aos enfermos do novo hospital.

Para quem estivesse com saude era tormento do inferno. Para doentes, é tortura, outra vez o dizemos, que esqueceu á inquisição. Que as tinham, aquelles bandidos de corôa e estola, que o inferno rejeitou. Não sabemos se algum, d'essa classe ou d'essa seita, pertencerá á illustre commissão do hospital. Mas dizemos que sim, que ha lá jesuitas *arte nova*, dos purinhos, refuadinhos, fazendo pasnar no outro mundo os jesuitas *arte velha*.

Isto, no caso mais favoravel, isto é, admittida a hypothese de estarmos livres dos mosquitos transmissores do parasita da febre palustre. Mesmo assim. Admittir, porém, tal hypothese, é fechar os olhos á evidencia.

Na já citada *Revista Portuguesa colonial e maritima*, diz o sr. Adolpho Sarmiento.

«De mais de 200 especies de *culicideos* (mosquitos) que se conhecem, apenas aos dos generos *anopheles* e *culex* tem sido desde o principio attribuido o papel de transmissores do impudismo; parecendo hoje, porém, que ao primeiro só elle deve ser imputado; pois que tem sido visto sempre nas regiões palustres e por vezes apenas elle; que, pelo contrario, nas regiões indemnes falta quasi sempre, encontrando-se ahí mosquitos inoffensivos de outros generos.

O *culex* e o *anopheles* podem facilmente distinguir-se á simples vista, quer no estado de insecto perfeito quer no de larva, o que é importante conhecer, attento o que fica dito, devendo comtudo notar-se que, não estando ainda completa e definitivamente demonstrado que seja só o *anopheles* o transmissor da malária, convém ainda hoje suspeitar em regiões sezonaticas de todas as especies de mosquitos.»

Sublinhamos as palavras que merecem maior attenção. Convém ainda hoje suspeitar em regiões sezonaticas de todas as especies de mosquitos.

Mas isto, repetimos, no caso mais favoravel, admittida a hypothese de estarmos livres do *anopheles*. Estamos nós livres, porém, d'este hospede terrivel? De fórma alguma. Bastaria que todos os aveirenses olhassem para a gravura que acompanha o artigo da *Revista Portuguesa* para conhecerem o figurão. E' nosso intimo. Vive ahí vida folgada e regalada. Não vive em toda a parte, não. Mas vive, em toda a parte onde haja estrumes, onde haja charcos, onde existam terrenos pantanosos. Isto é, vive admiravelmente nas visinhanças da Senhora da Ajuda.

Os doentes não ficam apenas nas sujeitas á tortura das picadas e dos zumbidos, afóra o cheiro de molicos e dos escassos pódrés, da barulhada de lavadeiras e moliceiros, da inferneira da chia-

da dos carros, o que já seria muito. Ficam tambem sujeitos ao perigo de adquirirem ao hospital uma doença diferente d'aquella com que entraram para lá, sabendo cá para fóra mais doentes do que estavam.

Com a circumstancia importante das sezões constituirem uma das doenças mais persistentes, mais incommoedas, mais terribes. Com a circumstancia importantissima, particularmente attendivel, de Aveiro, e seus arredores, ter sido uma das regiões mais sezonaticas do paiz, mal de que ainda não estamos inteiramente livres. Com a circumstancia importantissima e agravantissima dos terrenos subjacentes ao local do novo hospital terem sido um dos maiores focos de sezões n'esta cidade.

«O *anopheles*, diz o sr. Sarmiento, tem o corpo mais delgado e elegante que o *culex*, e a sua tromba é mais comprida e grossa; as azas do primeiro tem manchas escuras, e as do segundo são lisas. O *anopheles* pousa nas paredes formando o seu corpo um angulo quasi recto com ellas, enquanto que o *culex* pousa parallelamente.»

E' nosso intimo. Hospede permanente em Aveiro. Vissem a gravura e diriam. Temos o *culex* em maior fartura. Mas não falta o senhor *anopheles*.

Em todos os pontos da cidade? Não. Isso querem as cavalgadas do pasquim *francaceo*. Mas essas cavalgadas souberam algum dia dizer outra cousa além das larachas de garotos que lhes são habituaes? Garotos, sabem dizer garotices. E mais nada.

Não. Ha em Aveiro pontos onde se poderia construir o hospital quasi a salvo dos moquitos. Pelo menos, onde apparecessem os menos perigosos e em menor quantidade. E livre então, isso manifestamente, do cheiro dos molicos e dos escassos pódrés, da barulhada de lavadeiras e moliceiros, da inferneira da chia-da dos carros. Isso manifestamente. E' preciso dizer isto muitas vezes, para que a grilheta fique bem atada aos pés dos membros da illustre commissão.

Os mosquitos são animaes *maus voadores*. São raros os que se afastam mais de 500 metros, salvo levados pelos ventos, da agua onde nasceram. Basta isto para que todos vejamos como seria facil escolher um local em Aveiro onde o hospital ficasse a salvo d'elles. Mas basta isto para que todos vejamos tambem a burrice dos illustres membros da illustre commissão: primeiro, porque a Senhora da Ajuda fica a menos de 500 metros de distancia das principaes malhadas dos estrumes e dos terrenos baixos pantanosos; segundo, porque os ventos dominantes são do lado do maior fóco da mosquiteria.

Lá que a asneira foi redonda, não haja duvida nenhuma.

Tanto o sr. Fernandes Gião, na sua conferencia no hospital da Estrella, como o sr. Sarmiento, no seu artigo da *Revista Portuguesa*, ambos elles demonstrando haverem estudado muito o assumpto, affirmam o facto comprovado do *anopheles* viver em logares humidos, não sendo necessario, para a sua existencia, que as aguas estejam estagnadas; basta que sejam pouco correntes.

«Os *anopheles*, escreve o sr. Sarmiento, são nocturnos; voam e nutrem-se, principalmente de noite, de flores, fructos e animaes; passando depois o dia a dormir em logares sombrios e abrigados do vento. O seu repouso, e a sua actividade até, *passa-se de preferencia entre a vegetação baixa, junto ao solo, onde a humidade e a quietação são grandes, e onde ou perto existam, em geral, alimentos em abundancia*. As femeas põem os ovos, em geral, nas aguas d'onde provieram; em *agua existente sobre terra*; nos pantanos permanentes, nas vales das estradas, nos pequenos charcos, nos *regatos de cursos len-*

tos que serpeiam entre hervas, etc.»

Não haja duvida, a asneira foi completa, a asneira foi redonda. Terrenos melhores, para a existencia dos *anopheles*, do que aquelles que ficam entre o antigo convento de Santo Antonio e a Senhora da Ajuda, não os encontrava a illustre commissão. Lá está a *vegetação baixa, junto ao solo*; lá está a *precisa humidade* e a *precisa quietação*; lá está, para as femeas pôrem os ovos, a *agua sobre a terra*; lá estão os *regatos de cursos lentos serpeando entre as hervas*; lá estão as *aguas quasi paradadas abrigadas dos ventos*. Lá está tudo. Não falta nada. E, por isso, os desgraçados soldados do quartel de Santo Antonio, iam, em tempos, aos *bandos* com sezões para o hospital. Nem em Africa adoeceem, em maiores proporções do que adoeceam allí.

Lavrando quantos tentos quizerdes, *illustres*. Acertastes. Chiadeira infernal de carros, lavadeiras e moliceiros; *perfumes divinos* de molicos, immundicies do lavadoiro e escassos pódrés; torturas inquisitorias de zumbidos e picadas de mosquitada de todo o genero e especie; e, a dois passos, magnifico viveiro de *anopheles*.

O sábio, o benemerito, que adquiristes a immortalidade e a bemaventurança!

Voltaremos ao assumpto. Ainda nos falta falar outra vez nos *meios de defeza* e em muitas coisas mais.

O nosso ultimo numero sahio com varias incorrecções, provenientes de má composição e revisão, incorrecções cujas causas os leitores teriam, sem duvida, desde logo percebido.

Comtudo, fica feita a advertencia.

Praça de touros no Pharol

Realisa-se hoje, como noticiámos, a tourada no Pharol da Barra. Toma parte n'ella, além de alguns artistas de merito, a insigne e sympathica señorita Eulalia Espinoza, que tem feito as delicias dos espectadores das melhores praças do paiz.

Consta-nos que ha grande influencia para ir vêr a celebre toureira. Abrilhanará esta corrida a phylarmonica velha ilhavense.

A empresa pede ao publico o maximo socego durante a sorte de señorita Espinoza.

O abuso da bicycle

Dia a dia vae-se desenvolvendo uma série de desastres occasionados pelo intoleravel abuso da bicycle, abuso que actualmente tem tomado maiores proporções. Um dia, é um individuo que parte uma perna n'um violenta queda. Depois, é outro, que, n'um atropellamento, racha a cabeça, ou a racha ao atropellado; outr'ora é um cyclista que se despenha por um desfiladeiro abaixo, occasionando-lhe a morte; e por ahí adeante uma série ininterrupta de desastres que vão inutilizando cidadãos prestaveis, homens cheios de vida e de saude, e a que é preciso obstar por todos os meios.

E então, em Aveiro, o uso da bicycle é uma febre tão contagiosa que não ha *gato sapato* que já não saiba manobrar com taes *engenhos*.

E' raro o dia em que não vêmos por essas ruas fóra, em disputa, grupos de dois ou trez cyclistas (na maioria *pechotes*), pedalando com gana, suando em bica por todos os póros, para no fim terem por premio... uma constipação ou uma pneumonia. O abuso da bicycle está sendo condemnado não só pelo bom senso como pela medicina, que a acha um excellent conductor de gravissimas molestias. E não ha, certamente, pessoa alguma que

d'ella tenha feito uso, em excesso, que lhe não tenha soffrido as consequências.

Eu tenho um parente na Serra da Estrella, tratando-se (se é que para elle ainda pôde haver tratamento possivel) de uma tuberculose, motivada pelo abuso da bicycle; um outro que insurdeceu com as constantes constipações que na mesma apanhou; e finalmente outro deu ha tempo uma queda tão desastrada que só por felicidade, ou, pôde-se até mesmo dizer, por miíagre, é que ainda hoje está vivo. Quem escreve estas linhas e que por mal dos seus peccados tambem em tempo pedalou e *repedalou* nas taes *burrihas*, foi-as pondo de parte... á cautella.

Já vêem que fallo com conhecimento de causa, infelizmente.

E' preciso que se capacitem que o uso em demasia da bicycle e as constantes correrias em que se empregam, é não sómente um perigo para os transeuntes, como um grave prenuncio de que a sua saude se arruinará em breve.

A's auctoridades compete tambem o dever de regularisar o andamento dor srs. cyclistas, na cidade, para evitar os atropellamentos que diariamente se dão.

Cuidado, muito cuidado, srs. cyclistas!

E voltaremos ao assumpto.

F.

Insiste o papelucho do sr. Jayme de Magalhães Lima. Insistiremos nós tambem.

Não conheciamos o sr. Gustavo. Só fallámos com elle quando nos procurou para servir o sr. Jayme de Magalhães Lima, que lhe está pagando lindamente. Quem o conhecia eram aquelles que se diziam seus companheiros e amigos. E, estes, attribuiram-lhe a infancia de sermos posto fóra de Aveiro depois do acto de generosidade que praticámos. E, estes, como se viu no ultimo numero d'este semanario, attribuiram-lhe todas as intrigas, todos os attrictos, movidos e levantados pelos regeneradores na questão das irmãs da caridade.

Esta questão durou desde 1887 até 1889. Em 1890 cahiu o partido progressista em cima do *ultimatum*. Succedeu-lhe o partido regenerador, que festejou em Aveiro o seu advento n'uma hora de amarguras nacionaes, que atirou foguetes, ao par e passo que insultava os que manifestavam a sua indignação contra a Inglaterra.

Quem era o principal culpado? Era o sr. Gustavo. Quem o dizia? Eram os maiores da regeneração, como já vimos. Nós é que o não sabiamos, porque nem viviamos em Aveiro, nem conheciamos o sr. Gustavo. Logo, contra o sr. Gustavo, naturalmente, se voltavam as nossas iras.

Tinha-nos ferido pessoalmente, dizia-se; tinha contrariado a questão das irmãs da caridade, affirmava-se. Consequentemente, era elle que nós deviamos, n'aquella occasião, atacar de preferencia.

Mas supponhamos que nada é assim. Supponhamos que não houve intrigas que nos movessem contra o sr. Gustavo. Supponhamos que o atacámos, ou injuriámos, porque o quizémos atacar, ou injuriar. Que quer isso dizer? Nós temos tratado aqui, ultimamente, do homem, sem que com isto queira dizer que não o não respeitamos hoje como tal, ou do funcionario?

Por considerarmos um homem mau, vamos a esta hypothese, é forçoso negar-lhe os serviços e os meritos? E' esse o procedimento da honra, ou é, exactamente, o procedimento opposto? Um homem honra-se, ou rebaixa-se, em fazer justiça aos seus proprios inimigos, áquelles que lhe desagradam, áquelles por quem já foi offendido ou que já offendeu?

Que miseraveis!

A conducta do *Povo de Aveiro* foi sempre essa, atacar, quando

o merecem; louvar, quando o merecem tambem.

Podiamos citar uma duzia de exemplos. E com isso não fazemos senão mostrar o nosso amor da verdade e da justiça.

Aos proprios que estamos n'este momento atacando, aos que tem imputação, é claro, não negamos certas virtudes e certos meritos que lhes temos reconhecido.

Atacámos o sr. Gustavo quando nos pareceu que elle prejudicava os principios? Louvamos-o, quando elle os favoreceu? Mas esse é o dever de todo o homem que se preza. Que censuram n'isso os miseraveis?

Como já dissémos, ainda aqui não considerámos o sr. Gustavo, ultimamente, senão como presidente da camara. N'essa qualidade, só, o temos engrandecido e louvado. Mas vamos a outra hypothese. Supponhamos que ha doze annos consideravamos o sr. Gustavo um caracter mau e que hoje o consideramos um bom caracter. Está algem livre d'errai? Se nós errassemos, porque não haviamos de reconhecer o erro? Reconhecer o erro e reparar injustiças, é digno ou indigno?

Que miseraveis!

Que imbecis, ao mesmo tempo!

Ha reconsiderações honrosas, e ha outras que são infamantes. Ha incoherencias dignas e ha incoherencias vis.

O redactor principal d'esse repugnante papel dirigiu-se-nos um dia, quando nós menos o imaginavamos e muito menos o pensavamos. E dizia-nos em carta:

«Conforme eu já manifestei n'outro logar, tenho seguido sempre, embora de longe, a carreira de v. ex.ª, lendo não só o *Povo de Aveiro*, desde a sua fundação, mas ainda outros jornaes em que tem collaborado; e por mais d'uma vez tenho revelado a minha admiração pela sua illustração e capacidade de escriptor e de polemista. Não quer dizer que eu siga a mesma orientação de v. ex.ª, nem que possa applaudir todos os desabafos de linguagem que é um dos principaes caracteristicos do seu temperamento. Mas isso de modo algum obsta a que lhe reconheça os meritos e lhes faça justiça. Tenho orgulho n'isso; tenho satisfação em ter procedido assim.»

Isto, sim; isto é que é infamia, isto é que é vileza, isto é que demonstra um caracter repugnantissimo.

Este homem não era sincero quando escrevia taes palavras, nem outras equivalentes no papel que dirige. Era um jogo infamissimo. Não nos podendo captar d'outra fórma, tentava captar-nos pela lisonja revoltante, pelo servilismo indigno. E na mesma occasião em que nos escrevia essas palavras, e outras, mais curiosas ainda, que publicaremos, mandava um garoto arremessar-nos lama, um garoto com que era solidario, tentando, comtudo, provar-nos — safadissimo caracter — que não tinha com elle solidariedade nenhuma. E sem mais transicções, nem demora, passou elle proprio, quando viu que nada tinha conseguido com o seu jogo infamissimo, com a torpe dolez do seu caracter safadissimo, a dizer de nós o contrario de tudo quanto tinha dicto no pasquim ignobil e em cartas successivas.

Essas, sim. Essas é que são as incoherencias que envergonham.

Fazer uma idéa diferente do caracter de um homem de um dia para o outro, pôde ser. Mas considera-lo talentoso muitos annos, cheio de serviços e de meritos, e, de repente, passar a negar-lhe systematicamente talento, meritos, serviços e tudo, só o faz um biltre, um caracter safadissimo e sujo.

Tal qual o repugnante malandrim que todo o mundo sabe ser

o redactor principal do vergonho-
so papel dos francaceos.
E ficará o resto para domingo.

HISTORIA LOCAL

A immunda papeleta do sr. Jayme de Magalhães Lima insiste em fazer reviver os antigos incidentes da politica local. Tama-
nha é a falta de tino do morgado do Carmo. Tamañha, que nem vê que não faz outra coisa senão dar-nos pretexto para dizermos coisas que, sem esse pretexto, não poderíamos dizer.

Pois bem. Vamos ao caso.
O caso é este.

Pelas cartas de Carranca, de Chica, de Marechal de Liliput, dos maiores dos francaceos, em fim, prova-se que todas as questões importantes de Aveiro foram tratadas e resolvidas sobre a nossa direcção; que sem a nossa direcção não só ficariam insolúveis, como nem haveriam sido trazidas a debate, isto é, não chegariam a morrer, porque nem chegariam a nascer; que todos esses maiores reconheceram sempre a sua insignificancia, a sua impotencia; que rastejaram deante de nós, ou adulando-nos, ou incitando-nos, ou mendigando-nos, todas as vezes que quizeram agitar a opinião publica; que o Povo de Aveiro, emfim, foi a unica força decisiva em todos os incidentes da politica local.

E' isso o que a immunda papeleta do sr. Jayme de Magalhães Lima quer provar? Pois prova-se.

Quer-se provar ainda que não vivendo nós em Aveiro, não privando com os influentes da politica local, não falando com elles, não tendo falado nunca, em geral, só pelas informações dos poucos que estavam em relações com-nosco podiamos apreciar coisas, e pessoas em especial?

Pois prova-se tambem.

E quer-se provar, emfim, que os mesmos informadores muitas vezes foram desleaes, ou atirando a pedra e escondendo a mão, ou abusando da nossa ausencia, e desconfiança de pessoas e coisas, para nos transmittirem informações erradas? Pois até isso se prova. Prova-se tudo. Tudo!

Ahi é que está a nossa vantagem. Julgando que nos ludibriavam, ficaram elles ludibriados, affinal. Pacientemente fomos recolhendo materiaes, com que um dia esmagassemos a cabeça ás viboras, que nós já conheciamos.

E chamavam-nos exaltado! E diziam-nos insensato! Imbecis.

Prova-se tudo. Já vimos como

aquelle, que quiz ser presidente da camara, nos dizia que os dirigentes regeneradores *nada fizeram* para chegarem á situação em que nós os collocamos. Já vimos como elle nos pedia que não *esfriássemos no combate e que empregássemos todos os meios para enterrar os malandros*. Vejamos agora o que dizia o marechal de Liliput.

Note-se: temos dezenas de cartas do homem que quiz ser presidente da camara. Algumas interessantissimas. Mas para a these de momento basta o que ficou transcripto e referido. Vamos, hoje, para variar, a alguns períodos das cartas do marechal de Liliput, que possuímos em grande abundancia, e não menos interessantes que as outras.

E as viboras que mettam o rabo na bocca e que o mordam, se quizerem.

Vamos a isto.

Comecemos pela questão do lyceu.

Carta de 21 de novembro de 1887:

«Não quero fechar esta sem te dar conhecimento d'uma grande pouca vergonha de que aqui se fala. Diz-se (e supponho que o Campeão já o disse), que a Junta Geral pretende applicar, exclusivamente para repartições publicas o Lyceu!!! Isto sem respeito pela memoria de José Estevão!!! Para lyceu, pretendem construir uma casa nas ruínas do palacete do visconde de Almeida; e, segundo ouvi dizer, está já o Araujo encarregado de fazer o projecto.

Quando ha tempos o Barboza de Magalhães apresentou na camara dos deputados um projecto de lei para ser concedido á Junta Geral d'este districto um subsidio de 8:000\$000 réis para a construção d'uma casa para repartições, os mandões politicos cá da terra assentaram em que a construção se fizesse no edificio do actual hospital. E ficava alli muito bem, accrescendo a circumstancia de que com a expropriação habilitavam a Santa Casa a poder construir um hospital novo, de que tanto se carece. Mas poreram de parte esta tão boa idéa para praticarem o attentado de desviarem da sua primitiva e legitima applicação um edificio que é o melhor attestado que possuímos do patriotismo de José Estevão.

Se te conformares com as minhas idéas, trata esta questão a sério no Povo de Aveiro e bem merecerás dos, infelizmente poucos, patriotas d'esta terra.»

Poucos, n'esse tempo. Hoje não faltam patriotas. Cada francaceo é um!

Marechal de Liliput recorria, pois, ao nosso patriotismo em 21 de novembro de 1887, invocando-o contra uma grande pouca vergonha que se planeava. E não o invocou de balde. Nós acudimos logo a combater. Mas foi o marechal o nosso informador e informador continuou sendo até ao fim.

cou-a sob um pezo de metal d'onde um raio de sol tirava faiscas iriadas, derramando coloridos vislumbres sobre o marmore branco do balcão.

— Por misericordia, senhor, avie-me já a receita que a minha menina está a morrer. Quanto custa? E' para pagar já... pelo amor de Deus não demore... o sr. dr. Lucio disse...

N'isto a desgraçada soltou um grito. Remexeu mais a algibeira, voltou-a, apalpou o peito, procurou em volta, e livida e batendo os dentes ficou como estatuada.

A algibeira estava cortada e o obulo generoso da esposa do medico desaparecera...

Como? Como? Vagamente lhe ocorreu á memoria o encontro de

Carta de 15 de dezembro de 1887:

«Já sabes pelo Campeão em que alturas está a questão do lyceu. Por tal motivo reúne amanhã a comissão (era a do monumento a José Estevão) para representar á Comissão Executiva da Junta Geral contra a projectada mudança do lyceu. Venho por isso pedir-te o favor de me enviarem uma copia para a representação, podendo ser, na volta do correio, pois é no domingo que tencionamos ir apresentar a pessoalmente ao Barboza de Magalhães, que é o presidente da comissão executiva.»

O curioso é isto. E' que nós não escreviamos só os artigos do Povo de Aveiro. Até escreviamos as representações. Representações da comissão de José Estevão, representações d'estudantes, representações de todas as collectividades. Assim foi em todas as questões que agitaram a opinião publica em Aveiro. Veremos isso melhor na questão das irmãs da caridade, de fórma a todos se convencerem de que o nosso trabalho estranho ao jornal foi tamanho como o proprio trabalho jornalístico. E sem isso nada se tinha conseguido.

Carta de 18 de dezembro de 1887:

«Mil agradecimentos e mil parabens. Os primeiros pelos favores que me tens dispensado (e não eram poucos; havemos de vê-los para o homem não nos chamar ingrato) e os segundos pelos teus magnificos artigos, especializando este ultimo—se entre elles pôde haver escolha. A representação, esplendida tambem. A opinião publica n'esta questão do lyceu está orientada.»

Estava, pois, a opinião publica orientada e eram magnificos os nossos artigos e era esplendida a representação que tinhamos escripto, pelo que recebiamos mil parabens.

Francamente, o morgado do Carmo faz uma triste figura em nos açular, depois d'isto, os fraldiqueiros ás canellas!

Pobre morgado do Carmo.

Carta de 19 dezembro sobre o que se passou entre a comissão do monumento e Barboza de Magalhães. Fica de reserva.

Carta de 5 de janeiro de 1888. Vejamos:

«O teu artigo de domingo agradei mais do que nenhum. O Campeão não respondeu nem palavra. E não respondeu porque os argumentos do Povo são irrespondiveis. Cada vez me convengo mais de que vencemos. Precisamos contudo de estar d'atalaia.

Convém que instes pela publicação do relatorio do Araujo. Dou licença que me cortem a cabeça se publicarem o tal bem escripto relatorio. Dizem-se n'elle verdadeiras barbaridades.»

Este tal Araujo era verdadeiramente um bruto. Fôra estudan-

ha pouco, ao atrevessar os grupos na rua... Agora comprehendia... fôra roubada...

— Jesus, Jesus! — exclamou — E faz-se um crime assim, e aniquilase a ultima esperanza de uma desgraçada mãe... e não desaba o mundo sobre quem tão cruelmente procede!... E agora, e agora?... Nem medicamentos, nem um caldo, nem uma gota de leite, e ella, o anjo bendito a morrer lá em cima, ao desamparo...

O pharmaceutico, distraído com outros fraguezes, não prestou mais attenção á infeliz Angela.

— Ah! Se ao menos possuira eu algum objecto para empenhar... mas nada! Só se fôr esta saia... Que importa? Tudo menos vê-la morrer assim... (Continúa).

te premiado, ou coisa equivalente. O que não impedia que fosse bruto e que em todas as suas obras de engenheiro apparecesse essa bruteza. Contudo, passava em Aveiro por um luminar de primeira ordem. De fórma tal que quando nós atacámos vivamente as obras do quartel, demonstrando todas as monstruosidades commettidas pelo sr. Araujo, que era o auctor d'ellas, gregos e troianos se revoltaram contra nós.

Foi uma revolta geral. Atacar-se um homem d'aquelles!...

Mas agua fria em pedra dura tanto dá até que fura. Agora, já o marechal achava o homem capaz de dizer barbaridades!

Mas bem. Estavamos no ponto do nosso ultimo artigo *ser melhor que todos os anteriores*, que já eram magnificos, e dos argumentos do Povo de Aveiro serem irrespondiveis.

Continuemos.

Carta de 19 de janeiro de 1888. Fica de reserva.

Carta de 22 de janeiro, do mesmo anno:

«Já a esta hora lêste, pásmaste e admiraste. Que atrevidissimo relatorio! Abstenho-me de fazer-lhe comentarios especiaes, para ti desnecessarios.

Com franqueza o digo: nunca supuz o Araujo tão falto de senso ou tão faccioso. O relatorio, como verás, é um amontoado de disparates, incoherencias e inverosimilhanças.»

No entanto, era com a competencia do tal Araujo que o Campeão das Provincias respondia ás censuras do Povo de Aveiro, como já tinha feito na questão do quartel.

Tal e qual como agora na questão do hospital. São sempre os technicos, os peritos, os homens competentissimos a servirem de escudo a todas as asneiras.

Pois quê? Pois nós, na questão do quartel, atreviamos-nos a abrir o bico deante da alta competencia do sr. Araujo? Contudo, vieram mais tarde engenheiros e medicos escrever, em documentos officiaes, precisamente o mesmo que nós tinhamos escripto no Povo de Aveiro.

Pois quê? Pois na questão do lyceu a nossa opinião valia lá alguma coisa ao pé da opinião do engenheiro, do conselho escolar e de mais não sabemos quantos? O Campeão enchia a bocca com os *homens da especialidade*, com os *peritos competentissimos*. Não obstante, toda a gente veio depois a concordar que era grandissima asneira o que se pretendia fazer.

Pois quê? Pois na questão da estatua nós tinhamos a audacia de combater a opinião do sr. Romão, do sr. Silva Rocha, ambos partidarios da frente da estatua para a Costeira, nós, que nem sabiamos desenho? E a canzoada cahiu, furiosa, sobre nós.

Contudo, hoje toda a gente vê que a estatua não ficava bem senão como ficou.

Assim fazem agora com o hospital. Tambem são os *peritos competentissimos*, os *homens da sciencia*, a entender que o hospital fica muito bem na Senhora da Ajuda. E o pasquim do sr. Magalhães Lima desempenha o papel que desempenhou outr'ora o Campeão!

Mas deixemos isso. Estava-

o peçoço se viesse a ser publicado o relatorio. O relatorio publicou-se e elle nem cortou peçoço nem deu licença para lh'o cortarem, e fez bem, porque se aquella cabeça se tem perdido, os francaceos não existiriam em Aveiro, perda patriótica que daria em resultado seccarem as fontes e retrocederem os rios. Nem o Cabecinha chegaria a ter importância!

Fez bem. Em lugar de cortar o peçoço ficou-se em chamar bruto ao Araujo. Fez bem.

Carta de 18 de abril de 1888:

«Devo felicitar-te pelos teus magnificos artigos sobre as irmãs da caridade e pela brilhante victoria que corou os teus esforços na questão do lyceu. Ninguém duvida de que sem a attitudem energica do Povo de Aveiro teria sido assassinado o querido lyceu de José Estevão. Estou convencido de que egual desenlace terá a questão das irmãs da caridade.»

Ora sr. Jayme de Magalhães Lima, illustre morgado do Carmo, quem, depois de ter defendido a suppressão do districto de Aveiro, quem, depois de ter declarado que a falta da barra não era mal nenhum para Aveiro, quem, depois de ter escripto que tanto importava aos interesses da cidade que houvesse como que não houvesse regimento entre nós, quem, depois d'isso, ainda tem um marechal que tece corças de gloria, como essas que ali ficam, a um adversario como nós, mette uma rollha na bocca, se não quer metter outra coisa mais linda, que pôde ser d'osso em vez de ser de cortiça, e não manda a canzoada ladrar para a rua.

Ou, então, é tolo.

Os fraldiqueiros teem-se fardado de fazer referencias injurias aos nossos informadores. Ora quaes foram, nas questões importantes, os nossos informadores? Foi aquelle que o sr. Jayme Lima quiz fazer presidente da camara; foi o marechal de Liliput, primeiro marechal do seu partido; foi o Mijareta, especie de João das Regras pequenino do grande partido do Carmo; e quejandos. Todos elles imploraram o nosso auxilio; todos elles confessaram a sua impotencia, até o Chica na questão do regimento, a ultima questão, como veremos; todos elles exaltaram a nossa força e os nossos serviços; todos elles abocanharam os trunfos inimigos que lhes desagradavam; todos elles bateram palmas ás nossas injustiças e ás nossas violencias, pedindo as e incitando-as, quando eram contra os seus inimigos ou adversarios.

E agora ladram! E agora querem morder! Fortes brutos. Nem reparam que lhes quebrámos os dentes.

E, posto isto, continuaremos.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	900
» amarello.....	900
» mistura.....	800
» caraça.....	1\$000
» frade.....	800
Milho branco.....	560
» amarello.....	530
Trigo gallego.....	1\$600
» tremez.....	900

(3) FOLHETIM

ANGELINA VIDAL

CONTOS NEGROS

Angela beijava a misera donzelinha chamando-a pelos mais ternos nomes. Era necessario ir á pharmacia... mas deixal-a assim sózinha!... Emfim, que remedio! Iria de um salto.

E desceu rapida a alta e ingrem escadaria, aos empurrões da propria angustia.

O pharmaceutico tomou a receita, leu demoradamente, e collo-

SAPATARIA REIS
R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)
AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

COSINHA PORTUGUEZA

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: —Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35); 91; Molhos diversos, 28; Massas e entros meios, 19; Pasteis, tortas e empanadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 293; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 153. —Total 795.

A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é: —Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartoneagem, 700. Idem 760 réis.

CONSULTORIO DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. —3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. —1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. —1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. —1 vol.

SENHOR EU, de Farina. —1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A' venda na Livraria Elysiu —Rua Formosa, 282

PORTO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



A machina PFAFF para costureiras.
A machina PFAFF para alfaiates.
A machina PFAFF para modistas.
A machina PFAFF para sapateiros.
A machina PFAFF para seleiros.
A machina PFAFF para corrieiros.
A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.
Peçam catalogos illustrados que se remette gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

HISTORIÃ

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanales de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

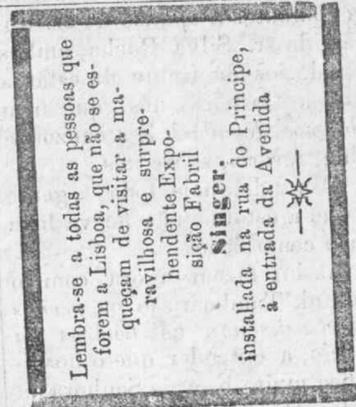
Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
Cada vol. brochado.. 1:500 »
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Gulmarães.



“Povo de Aveiro.”
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores.

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA

DO POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escripto polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sohejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDEMSO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.
Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flores artificiaes e cordas funerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.